

**GT 09 – Trabalho e Educação****SABERES DO TRABALHO DA PESCA DE JOVENS RIBEIRINHOS NO MUNICÍPIO  
DE CAMETÁ-PARÁ-BRASIL: QUESTÕES DE IDENTIDADE E FORMAÇÃO DO  
TRABALHADOR<sup>1</sup>**Doriedson do Socorro Rodrigues<sup>2</sup> (UFPA)Gilmar Pereira da Silva<sup>3</sup> (UFPA)

Financiamento: CNPQ/PIBIC-UFPA

**1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho aborda saberes da pesca que estão a constituir a identidade da juventude envolvida em rede de relações sociais, econômicas, políticas e culturais com o mundo da pesca no município de Cametá-Pará<sup>4</sup>, por meio da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Trabalho resultante do Projeto de Pesquisa, em andamento, “**SABERES DO TRABALHO DA PESCA E IDENTIDADE DE JUVENTUDE DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ – NORDESTE DA AMAZÔNIA PARAENSE**”, com financiamento do CNPQ e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPA – PIBIC/UFPA.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPA. Doutor em Educação pela UFPA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal do Pará – GEPTE/UFPA. E-mail: doriedson@ufpa.br

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá e do Programa de Pós-Graduação em Educação/ICED/UFPA e de Educação e Cultura do Campus Universitário do Tocantins/Cametá - UFPA. Doutor em Educação pela UFRN. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal do Pará – GEPTE/UFPA. E-mail: gpsilva@ufpa.br

<sup>4</sup> O município de Cametá, segundo o IBGE (2010) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -, pertence à mesorregião do nordeste paraense e à microrregião Cametá, apresentando uma área correspondente a 3.122 km<sup>2</sup>. Ainda segundo o (IBGE, 2010), o município apresenta uma população de 120.896 habitantes, dos quais 52.838 encontram-se na zona urbana e 68.058 na zona rural. Trata-se de um município com contingente rural maior do que o urbano.

<sup>5</sup> Segundo Moraes (2002, *apud* RODRIGUES, 2012), a letra Z refere-se à *Zona de Pesca* e o número 16 indica ser esta Colônia a décima sexta criada no Estado do Pará.

Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (MICHELAT, 1985) junto a jovens que estão na base da organização da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16<sup>6</sup>, Estado do Pará, município de Cametá<sup>7</sup>, e que mantêm relações sócio-político-culturais e econômicas com o mundo do trabalho ligado à pesca<sup>8</sup>. As análises tomaram os procedimentos da análise de conteúdo (FRANCO, 2007) e a observação participante (BOGDAN e BIKLEN, 1994) quando de visitas à sede da entidade, onde foram feitas as entrevistas.

Pautamo-nos no materialismo histórico-dialético (MARX, 1983) enquanto opção teórico-metodológica, considerando a identidade da juventude sob análise a partir do princípio da *totalidade* e da *contradição*, no sentido de que a reconfiguração de saberes e de modos de existência desses sujeitos decorrem dos impactos do capitalismo no interior da Amazônia, como

---

<sup>6</sup> Embora o termo Colônia possa suscitar a imagem de um coletivo de pescadores vivendo da pesca na margem de um rio, trata-se de uma entidade representativa de classe desses sujeitos, reunindo 15.000 associados de diferentes comunidades do município cametaense. Segundo Rodrigues (2012), hodiernamente essa entidade está sob a direção dos pescadores, embora em sua origem tenha estado atrelada aos interesses do Estado: “A Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá foi fundada em junho de 1923 pela Capitania dos Portos do Pará e Amapá com o objetivo de servir aos interesses do Estado e ser instrumento de dominação” (*Revista Cametá*, MMA, 2006, p. 24, *apud* RODRIGUES, 2012, p. 31). Contudo, ainda segundo Rodrigues (2012, p. 32), “[...] esse atrelamento ao Estado durou até o início da década de noventa do século passado, quando a Colônia, por meio de um processo histórico de lutas, passou a ser conduzida por pescadores”.

<sup>7</sup> Segundo Rodrigues (2012, p. 24-25), “A fundação do município data de 24 de dezembro de 1635, nele se instaurando provisoriamente, já no século XIX, durante o movimento popular político paraense conhecido como Cabanagem, a sede do Governo Estadual (Pará), por 363 dias (SOUSA, 2002), favorecendo a presença de muitas famílias estrangeiras, geralmente comerciantes, que acabaram constituindo oligarquias locais com forte ascendência no aparato político-econômico do município”. E de acordo com Oliveira e Ferreira (2004, p. 187, *apud* RODRIGUES, 2012, p. 24), “Atribui-se a Frei Cristóvão de São José, um frade capuchinho, o episódio da fundação do povoado que deu origem ao município. Isso foi possível devido ao trabalho realizado por este frade junto aos integrantes da tribo dos *Camutás*, conhecidos como os primeiros habitantes desta localidade. Daí a origem Tupi da palavra Cametá que deriva de *Caá* (mato, floresta) e *Mutá* ou *Mutã*, uma espécie de degrau instalado em galhos de árvore feito pelos índios para esperar a caça ou para morar [...]”. Quanto à Cabanagem, Costa (2006, p. 26, *apud* RODRIGUES, 2012, p. 24-25) assim a retrata, “Mesmo depois da Independência do Brasil em 1822 e da Adesão do Pará em 1823, a economia e a política local regional continuavam sob o domínio conservador de portugueses e brasileiros que formavam os setores dominantes da sociedade, integrado por proprietários de terras, comerciantes, profissionais liberais e representantes do governo e a eles se opunham toda uma população pobre e alijada de quaisquer condições dignas de vida, formada por segmentos de classes que eram oprimidas e exploradas pela elite econômica e política: pescadores, índios, caboclos, negros e uma parcela de brancos pobres. Estes viviam em cabanas à beira dos rios e igarapés, e, revoltados com as condições de miséria e exploração a que eram submetidos, rebelaram-se contra as camadas dominantes e o poder instituído. O movimento por eles liderado entre o período de 1835 a 1840 ficou conhecido como ‘Cabanagem’, em alusão às habitações onde viviam, as miseráveis cabanas”.

<sup>8</sup> Neste trabalho, a expressão “uma juventude que mantém uma rede de relações sócio-político-culturais e econômicas com o mundo do trabalho ligado à pesca”, e suas correlatas, diz respeito à situação de que podemos ter jovens que estão diretamente ligados a esse mundo, no sentido de estarem no cotidiano da pesca, realizando o trabalho enquanto unidade teórico-prática, como também podemos ter jovens que já não estão a pescar cotidianamente, mas vivem diferentes relações com esse mundo, quer afetivas, culturais, sociais, políticas e econômicas, mergulhados que estão em suas relações familiares e de sobrevivência, a partir das ações da Colônia Z-16 impactando o trabalho dos pais, que lhes corrobora com a existência. Ou seja, apoiados em Thompson (1987) quanto a questões das experiências da classe trabalhadora, podemos dizer que, quer trabalhem ou não com a pesca de forma mais direta, trata-se de jovens que estão envolvidos em diferentes experiências com o mundo do trabalho da pesca artesanal em Cametá-Pará.

no município de Cametá-Pará, em virtude da construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Estamos considerando, então, que “O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral” (MARX, 1983, p. 24).

Esse estudo vem oportunizando compreender ainda o disposto por Rodrigues (2012) de que os impactos negativos da construção da Hidrelétrica de Tucuruí estejam a reconfigurar a identidade da juventude pescadora, impondo-lhes a exigência de maior formação, para além do mundo da pesca, o que implica, em termos de organização política, a partir da Colônia de Pescadores Z-16, a necessidade de realização de cursinhos preparatórios para vestibular, aulas de informática, de modo que a juventude, vivendo no mundo da pesca, tenha condições de fundamentar-se em outras exigências impostas pelo mundo do trabalho em sua totalidade, ou seja, para além do fazer da pesca.

Estruturalmente, o trabalho apresenta-se dividido em duas seções. Em uma primeira seção apresentamos considerações teóricas sobre juventude, saberes e identidade. Numa segunda seção, discutimos o processo de constituição identitária a partir da produção-formação da existência pescadora relacionada à educação. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

## **2 JUVENTUDE, SABERES E IDENTIDADE**

Frigotto (2006), analisando a relação juventude, trabalho e educação no Brasil, apresenta desafios e perspectivas impostos pelo modo de produção capitalista, tanto em termos da identidade da juventude brasileira como em termos de relações dessa subjetividade com o mundo do trabalho, destacando que não se pode falar em juventude, mas em juventudes.

Tomado por diferentes ângulos, o tema de que nos ocupamos nesta análise é, desde o início, complexo e controverso. Essa complexidade e essa controvérsia têm início com a dificuldade de se ter um conceito unívoco de juventude, por razões históricas quanto sociais e culturais. Assim, é necessário, de imediato, não o tomar de forma rígida. Mas adequado seria, talvez, falar, como vários autores indicam, em juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social. Ao optarmos por essa compreensão, poderemos levar em conta particularidade e até aspectos singulares sem cair numa perspectiva atomizada. Os sujeitos jovens (ou as juventudes) teimam em ser uma unidade do diverso econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião etc. (FRIGOTTO, 2004, p. 180-181)

Dessas considerações, deduzimos que a juventude que vive em rede de relações sociais mediadas pelo mundo do trabalho ligado à pesca artesanal no município de Cametá, a partir da

Colônia de Pescadores Artesanais Z-16, está para além de envolvimento com saberes e identidades relacionadas a esse mundo, vivendo, também, outras identidades, quer ligadas ao mundo da escola, por exemplo, ou à realidade urbana com suas simbologias e formas de trabalho, aqui também tomada como exemplo<sup>9</sup>.

E essas suas vivências vão construindo um conjunto de saberes, aqui tomados como sociais, que possibilitam a constituição de identidades, formas de relacionamentos políticos, econômicos, culturais e sociais que lhes oportunizam a existência, dela também se nutrindo. Trata-se de saberes, no dizer de Damasceno (1995, p. 29, apud RODRIGUES, 2012, p. 151), que nascem das experiências de trabalho de grupos que enfrentam problemas do cotidiano, contestando a realidade, propondo formas outras de socialização, de gestão, de existência.

Quando se observa o cotidiano dos grupos populares nota-se com muita clareza que há uma diversidade de saberes que se inter cruzam e se interfecundam nesse espaço. Alguns destes saberes destacam-se como o saber gestado na experiência do grupo, ancorado no qual os participantes enfrentam os problemas do dia a dia [...]. O fio da meada neste processo de (re)construção do ‘saber social’ por parte do grupo parece residir no ato de contestar, de denunciar certos aspectos da vida cotidiana, que os incomodam. De fato, a denúncia aqui aparece como um momento inicial de crítica da realidade imediata, das situações do viver cotidiano.

Ou seja, nas palavras de Rodrigues (2012), os saberes sociais resultam do trabalho desenvolvido pelos pescadores, atuando como fomentadores de sua identidade, fornecendo elementos para a constituição do ser social pescador, assumindo um papel constataativo-performativo, já que ao descreverem a realidade, não deixam de nela também atuarem politicamente, ultrapassando a simples constatação da precariedade da existência.

Em termos de identidade, Bogo (2008) aborda a questão da construção da identidade a partir das lutas camponesas no Brasil, o que nos orienta a compreender a construção da identidade da juventude que mantém uma rede de relações com o mundo do trabalho da pesca como resultante de processos históricos de imposição do *modus operandi* do capital,

---

<sup>9</sup> Teoricamente não trabalhamos com uma compreensão de *identidade* enquanto algo cristalizado, como se os sujeitos não fizessem história e não estivessem envolvidos, portanto, pelo movimento da história. Na perspectiva deste trabalho, a identidade não é fixa, senão a materialização de múltiplas determinações que constituem os homens enquanto sujeitos que pela história realizam relações com a natureza e com os outros homens, autodeterminando-se. Trabalhamos, assim, com o entendimento de que a *identidade* é o que constitui o *ser social*. Ou seja, sujeitos que se identificam como sociais em decorrência do intercâmbio que travam também na sociedade com outros homens, tornando-se sujeitos de práxis, sejam elas produtivas, artísticas, científicas ou sociais. E com a natureza.

desarticulando as ações dos trabalhadores, de maneira que os mesmos assumam as ideias daquele como se suas fossem, bem como resultantes também das lutas dos trabalhadores para se verem organizados a partir de construções socioculturais e econômicas opostas ao sociometabolismo do capital, mantendo-lhes a unidade de classe, de organização política, conforme destaca Damasceno (1995, p. 21), no sentido de que “[...] os grupos humanos na sua vida real, portanto na sua práxis cotidiana, não produzem apenas os bens materiais, mas ao fazê-lo elaboram ao mesmo tempo, ideias, representações, saberes que contribuem para a reprodução e a transformação social”.

No que se refere à relação juventude, saberes sociais e identidade, Rodrigues (2012) salienta os processos históricos que desencadearam a organização dos pescadores artesanais no município de Cametá, nordeste do Pará, mais especificamente sobre a situação da juventude que mantém uma rede de relações sociopolíticas, culturais e econômicas com o mundo do trabalho da pesca.

Para Rodrigues (2012), essa juventude vive uma situação socioeconômica em que o trabalho ligado à pesca vem sofrendo um processo de estagnação, a partir da construção da Hidrelétrica de Tucuruí<sup>10</sup>, que provocou a diminuição do pescado na região, conduzindo-a para outras formas de trabalho, como o funcionalismo público, e para a busca de escolarização superior, voltada para profissões diferentes do mundo da pesca.

---

<sup>10</sup> Rodrigues (2012, p. 219) destaca que “[...] a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, iniciada durante o período de ditadura militar, foi desencadeada para atender às demandas de grandes projetos industriais que se instalavam na região Norte, como o Complexo Industrial do Alumínio, em Vila do Conde, e a ALBRÁS e ALUNORTE, em Barcarena-PA”. Destaca ainda o autor que “Junto às camadas populares da região construía-se o saber de que sua implantação traria o desenvolvimento, implicando melhorias nas áreas da educação, da saúde, da geração de emprego e renda, principalmente para os ribeirinhos que habitavam o rio Tocantins, com suas ilhas, igarapés e furos”. Todavia, diz-nos Rodrigues (2012, p. 219-220), “Segundo um impresso do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) do município de Cametá, a partir da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, a vida dos pescadores sofrera sérios prejuízos, tanto ambientais quanto econômicos, precarizando ainda mais a existência ao longo do rio Tocantins. O documento expressa que 70% dos entrevistados informaram “[...] o escasseamento de peixes no rio Tocantins e seus afluentes”, e 65% dos entrevistados destacaram que a água estava poluída, causando diarreia, doenças de pele e doenças estomacais”. E ainda de acordo com Rodrigues (2012, p.220), “Para o MAB de Cametá, antes da Barragem o pescador no interior das ilhas vivia da pesca e do extrativismo vegetal, mas depois vira seu modo de vida sucumbir diante das interferências do capital, metamorfoseado na figura desse grande projeto energético. Pelo exposto, as transformações no modo produção observadas nos últimos anos não se consubstanciaram para os pescadores em uma sociedade do tempo livre. Mas, pelo contrário, a precarização no modo de existência intensificou-lhes o forjamento de uma identidade classista de luta em prol dos seus interesses, tanto o é que acabam se organizando mais ainda, como é o caso do MAB de Cametá, a partir do trabalho da pesca que os unifica enquanto fração de classe”. Por fim, o autor destaca que “A questão, pois, é que a materialidade de vida experienciada pelos pescadores demonstrava-se oposta à propugnada com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Ao longo dos anos pós-construção da barragem, os pescadores foram verificando a diminuição de pescado, o empobrecimento ainda mais das comunidades e a perda de seus valores culturais, de sua identidade”.

Diante dessa situação, salienta que convivem contraditoriamente duas perspectivas de formação entre essa juventude: um processo de formação com finalidades de fortalecimento do mundo do trabalho ligado à pesca; outro processo em que essa formação busca a mediação para com o mundo do trabalho da pesca, mas também para com outras possibilidades de exercício profissional, via escolarização/formação.

### 3 OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO-FORMAÇÃO E IDENTIDADE

Em termos de formação escolar, os ribeirinhos<sup>11</sup> filhos de pescadores relatam que são muitos os problemas enfrentados pela população pescadora para conseguir seu sustento e manter-se na escola, sendo que muitos sobrevivem apenas da pesca e de ajuda do governo Federal com o plano de auxílio defeso que é oferecido aos pescadores. Assim, com a falta de peixe nos rios do município de Cametá, devido à construção da hidrelétrica de Tucuruí, uma vez que os peixes já não desovam mais nesses rios, o que causa a falta de peixe, levou os jovens pescadores a migrarem para a cidade, de modo que, em busca de escolarização e formação profissional, passaram a ter outras perspectivas de vida e a se interessar em conhecer outros saberes, outras formas de cultura.

Assim, podemos dizer que, por meio de experimentações e de relações com o meio social, cultural, político e econômico, o jovem constrói sua identidade. Ou seja, a juventude que mantém uma rede de relações sociais, culturais, políticas e econômicas com o mundo da pesca se materializa como sujeito de direitos negados pelo modo de produção capitalista, a partir da presença do capital decorrente da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, impondo-lhes a precarização da existência.

Em contrapartida, essa precarização intensificou entre os mesmos uma busca pela escolarização como sinônimo de melhoria de qualidade de vida e de empregabilidade. Ou seja, o jovem ribeirinho vê na educação um campo de luta e formação social que permite que o sujeito se constitua politicamente. A partir dessa busca por *novos* saberes é que os jovens ribeirinhos almejam cursar uma universidade, como condição para a melhoria da qualidade de vida, objetivando associar o saber que já possuem no campo da pesca ao que resulta da formação acadêmica.

---

<sup>11</sup> Segundo Rodrigues (2012, p. 15), o termo *ribeirinhos* refere-se a “[...] homens e mulheres que habitam as ilhas, furos, igarapés e vilas ao longo do rio Tocantins, o qual banha o município de Cametá”.

É nessa direção que W.R.C<sup>12</sup> destaca o valor do trabalho da pesca e sua interface com a formação escolar:

[...] um trabalho digno e honesto; apesar da falta de peixe em nossos rios, muitas famílias ainda sobrevivem da pesca; antes da barragem de Tucuruí havia muita diversidade de peixe. O ser humano é o grande responsável pelo desaparecimento do peixe; tem pessoas que se dizem pescador, que vão até no fundo do rio para matar o peixe com veneno para pegar e vender, não respeitam o período de reprodução. Por isso que eu estudei para cursar agronomia, pra que eu tenha um conhecimento melhor sobre o trabalho da pesca e possa ajudar a minha comunidade da Ilha Grande de Juaba.

Em termos de educação, formação e identidade dos jovens que se encontram ligados ao mundo da pesca, entendemos que esses sujeitos resultam do meio em que foram socializados, constituindo-se sujeitos de um longo processo histórico de lutas, contradições e vivências familiares, que reflete o conhecimento e a experiência dos saberes de seus pais que são pescadores. Essa reflexão é sustentada também pela entrevista do jovem D.A.C., 21 anos, quando indagado sobre o que é morar na ilha e ser pescador:

Pra mim é morar na ilha sair pra pescar de madrugada com meus pais; aqui agente vive diferente das pessoas que moram na cidade: não tem comércio pra comprar o feijão e o arroz, tudo é muito difícil pra conseguir. Tem dia que falta tudo e aí se pescarmos agente come, se não pescar agente se vira comendo farofa. Quando nos associamos à Colônia Z-16, nossa vida melhorou um pouco. Porque na época do defeso agente recebe esse auxílio que o Governo nos dá e nos ajuda a sustentarmos nossas famílias. Agente tem que manter e valorizar o que temos, como a nossa fala: às vezes ficamos com vergonha de conversar com alguém e pronunciarmos errado quando falamos, mas temos consciência de que moramos na ilha e é importante valorizar nossa cultura. Tem gente que fala que ser ribeirinho e ser pescador é ser inferior. Eu moro na ilha, não tenho vergonha de dizer que sou filho de pescador e que também pesco com meu pai, ajudo no sustento da minha família. Tenho sonhos como qualquer outro jovem, por isso estou pagando uma faculdade de pedagogia na UNIASSELV, para que eu possa vir pro Joroça dar aula para as crianças daqui.

Ou seja, o jovem que mantém uma rede relações com o mundo do trabalho da pesca busca uma situação de afirmação de identidade, no sentido de se reconhecer pescador, por meio de práticas laborativas que realiza com a família, mas também buscando se firmar como sujeito que,

---

<sup>12</sup> Para efeito de preservação de face pública do informante, utilizamos tão somente as iniciais de seu nome.

não negando no enunciado a identidade de pescador, reconhece na enunciação a necessidade de essa identidade ser fortalecida com a escolarização, por meio de um curso superior<sup>13</sup>.

No tocante à identidade, o jovem que mantém uma rede de relações com o mundo do trabalho da pesca se reconhece como pescador, quer pelas relações de pesca que estabelece com o ofício a partir da relação familiar, quer por meio da relação que esse trabalho no seio familiar, em termo de parceria, possibilita ao jovem para obter os auxílios governamentais decorrentes dessa identidade assumida, a de pescador artesanal, cf. se observa a partir da fala do jovem D.A.C: “[...] trabalho na pesca com meu pai e recebo o auxílio defeso da Colônia”.

Em termos de identidade e educação, entendemos que a educação ribeirinha é um desafio para quem mora nas ilhas; a realidade vivenciada pelos jovens ligados ao mundo da pesca para ter acesso à escola é marcada pelas dificuldades de deslocamento escolar, realizado por meio de embarcações que, muitas vezes, funcionam com precariedade, oferecendo riscos aos jovens, pelas escolas que não oferecerem infraestruturas, espaços adequados, merenda escolar, além da falta de professores. Esses são alguns fatores que levam o jovem ribeirinho ligado ao mundo da pesca a migrar para cidade, o que não raro contribui para um processo de fragmentação do saber, no sentido de que embora possam dominar saberes ligados à pesca, deles não mais se utilizam em atividades laborativas reais, porque delas já estão distantes, devido à busca pela vida citadina em prol da escolarização. Nessa perspectiva, entendemos, cf. o jovem pescador R.C., que os jovens e suas famílias passam a perceber na educação uma condição de ascensão, porém não no sentido de se libertar de uma alienação imposta pelo capital, mas como busca de rentabilidade. Nesse viés Rodrigues (2012, p.167) faz a seguinte ponderação:

[...] a juventude está saindo em busca de outra profissão, por já não ser possível sobreviver da pesca, não se deixa de expor uma compreensão de qualificação enquanto elemento que possibilita a empregabilidade, a melhoria de vida, não obstante no interior do capital viver-se hodiernamente uma crise estrutural de desemprego. No demais, acaba-se colocando tão somente na educação um grande poder para mudar a realidade socioeconômica dos sujeitos, como se a fragilidade econômica deles residisse no trabalho que realizam, ou seja, como se o culpado pela dificuldade na garantia da existência adviesse do fato de a pesca ter menor capacidade de rentabilidade econômica enquanto profissão.

---

<sup>13</sup> Segundo Ducrot (1987), o *enunciado* é a manifestação particular de uma frase, a realização de uma língua, chamado por ele de entidade observável, enquanto *enunciação* é o ato que passa a existir pelo aparecimento de um enunciado, a realização de um enunciado em um dado momento histórico, ou seja, “É dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois”. (DUCROT, 1987, p. 168).



A fala do jovem R.C. também evidencia outra afirmação de Rodrigues (2012, p. 168) quando esse discute que:

Os impactos negativos da construção da Hidrelétrica de Tucuruí estejam a reconfigurar a identidade da juventude ribeirinha, haja vista que estes sujeitos vão em busca de uma escolarização para buscar uma formação que vai para além do mundo da pesca, pois os rios hoje já não tem mais tantos peixes como nas décadas passadas. Neste sentido percebe-se que os jovens vão tomando consciência de que os saberes adquiridos sobre a pesca não são o suficiente para suprir suas necessidades econômicas.

O que se observa, então, em termos de identidade e processos formativos, é que a juventude aqui analisada não se constitui somente pela relação com o mundo da pesca artesanal, mas também a partir da sua cultura, seu simbolismo, tudo que o seu meio social pode lhe oferecer, tudo que está direta ou indiretamente ligado a esse ser contribui para a formação de uma identidade. Ou seja:

O ser social pescador é a unidade resultante do intercâmbio com a natureza e com outros homens, pois, ao interagir com outros homens, mesmo em oposição, vai-se determinando como pescador. Desta forma, em suas relações, estabelecem outras formas de intercâmbio com a natureza e com outros homens e, por conseguinte, configuram-se delineamentos diferenciados do ser social. (RODRIGUES, 2012, p.144).

Consideramos então que a identidade da juventude pescadora resulta das redes de relações que os mesmos mantêm a partir do trabalho em que se encontram envolvidos. Com efeito, por exemplo, essa juventude constitui-se sujeito que se caracteriza pelo trabalho que decorre do envolvimento com o mundo da pesca e com a extração do açai<sup>14</sup>. Indagados sobre como sobrevivem do ponto de vista econômico, ressaltam: “Nós vendemos açai, meu pai é pescador, e vendemos peixe” (E.R., 21); “Da pesca e do plantio do açai” (L.P.L., 26).

Ou seja, da fala dos entrevistados observa-se que a identidade do jovem resulta de uma unidade teórico-prática com o mundo da pesca, em que a *venda* decorre da relação direta com o fazer vivenciado com o pai. Ou seja, o jovem é pescador porque vivencia o ato da pesca. Destaca-se também das entrevistas a situação de o jovem pescador não ser tão somente o sujeito que pesca, isto é, o executor da captura do pescado, porém o que também comercializa, expondo nas

---

<sup>14</sup> Açai é o fruto da palmeira conhecida como açazeiro. É uma espécie nativa cujo nome científico é *Euterpe Olerácea*. É uma espécie nativa das várzeas da região amazônica.

relações de mercado o produto de seu trabalho, extrapolando-se a produção para além do valor-de-uso, constituindo em valor-de-troca também.

Outro dado importante da fala dos entrevistados diz respeito à situação de o jovem pescador, junto com a família, constituir-se também como coletor de açaí, produto de venda. Ou seja, o jovem pescador, em decorrência do mundo do trabalho vivenciado com a família, é um sujeito coletor-pescador-vendedor, constituindo-se a identidade de múltiplas determinações, para além de uma caracterização una de que o pescador na Amazônia seja tão somente o sujeito da pesca.

Há de se considerar ainda como a emergencialidade de novos saberes tecnológicos vêm conduzindo os jovens pescadores-coletores-vendedores para um processo de formação que toma a necessidade de acesso à informática como condição necessária para a inserção da juventude no mundo do trabalho, para além do exercício profissional da pesca, implicando uma relação de intensificação da importância da Z-16 quanto à representação social da juventude para com a entidade. Ou seja, há uma relação simétrica de relação de reconhecimento dessa importância na medida em que a mesma corrobora com a inserção da juventude no mundo das tecnologias. No dizer de um dos informantes, “A colônia nos ajuda com a aula de informática; isso ajuda a nossa comunidade a ter acesso à informática” (E.R., 21).

Note-se que esse envolvimento do jovem com o mundo da tecnologia implica um empoderamento também da comunidade, que toma o jovem como um sujeito multiplicador das informações obtidas a partir das aulas de informática fornecidas pela Z-16. No dizer do informante, “[...] isso ajuda a nossa comunidade a ter acesso à informática” (E.R., 21).

Todavia, a fala dos informantes revela também uma representação social da juventude pescadora de que o envolvimento com o mundo da pesca vem se esgotando, no sentido de não lhes oportunizar a existência com qualidade social. É nessa perspectiva que relatam que o envolvimento com o mundo da escolarização e formação decorre da necessidade de *empregabilidade*, da obtenção de mais recursos, porque o mundo da pesca apresenta rarefação de pescado e, conseqüentemente, de possibilidades de mais renda: “Eu fiz o curso de informática na Colônia porque eu quero terminar o ensino médio e conseguir um emprego melhor; ser pescador é bom, mas exige muito; a gente passa quase a noite toda no rio para conseguir pegar o peixe” (E.R., 21).

Há de se considerar também que a juventude que mantém uma rede de relações com o mundo do trabalho da pesca vivencia a organização da Colônia de Pescadores Artesanais, associando-se à mesma, muito corroborando para isso a participação no seguro defeso, quando obtém uma ajuda do governo federal em decorrência da não possibilidade da pesca para que os peixes possam se reproduzir na região. No dizer de E.R., “Meu pai é associado [Na Colônia] e eu também; eu sou o mais velho, ajudo meu pai na pesca”. E nas palavras de L.P.L., “Participo porque somos associados na Colônia; a importância é que na época do defeso recebemos o auxílio do governo” (Sublinhamos).

Da fala dos entrevistados, nota-se que a juventude que mantém uma rede de relações sociais com o mundo do trabalho da pesca também se constitui sujeito de envolvimento político, à medida que se associa à entidade representativa dessa fração da classe trabalhadora, extrapolando a esfera do trabalho, do saber-fazer oriundo do cotidiano da profissão vivenciada a partir do envolvimento familiar: “Participo das reuniões realizadas tanto para os associados como para a comunidade em geral. São nessas reuniões é que são debatidos os interesses e melhorias para todos os comunitários” (L.P.L., 26).

No demais, essa juventude ainda é sujeito que domina saberes da pesca porque também neles milita na captura do pescado, mesmo já havendo jovens que detêm os saberes, mas sem um envolvimento material com o mundo da pesca: “Eu sei jogar uma malhadeira, tarrafa, matapi; eu vou até no fundo do rio pra ver se tem peixe” (E.R., 21); “Sei colocar matapi e a malhadeira; aprendi com meus avós e com meus pais” (L.P.L., 26).

De um ponto de vista teórico, esse envolvimento da juventude com o mundo da pesca, “do colocar matapi<sup>15</sup> e a malhadeira”, do ir “até o fundo do rio pra ver se tem peixe” caracteriza a práxis produtiva, disposta por Vázquez (1968), no sentido de que ao se objetivar no mundo da pesca constrói saberes, transforma-se em pescador atuante. Por essa práxis, a juventude humaniza-se, produz o mundo do trabalho da pesca, imprime finalidades a seu esforço físico, ao mergulhar no fundo do rio para ver se tem peixe. No dizer de Vázquez (1968, p. 198):

A práxis produtiva é assim a práxis fundamental porque nela o homem não só produz um mundo humano ou humanizado, no sentido de um mundo de objetos que satisfazem necessidades humanas e que só podem ser produzidos na medida em que se plasam neles finalidades ou projetos humanos, como também no sentido de que na práxis produtiva o homem se produz, forma ou transforma a si mesmo.

---

<sup>15</sup> Espécie de armadilha para captura de camarão, feita de talas em forma de um cilindro.

Nossas análises também reforçam, a partir das falas dos informantes, que a identidade da juventude que vive o mundo da pesca resulta justamente das relações por ela construídas no interior desse mundo, no envolvimento com o processo de aprendizagem informal desencadeado pelos pais, no reconhecimento de que o trabalho determina a identidade. No dizer do informante E.R., foi o seu pai que lhe ensinou o que sabe, os modos de pescar, bem como que o pescador é o sujeito que tem um trabalho próprio, a pesca, daí que se considera pescador: “Meu pai me ensinou tudo o que eu sei. Como eu já disse, me ensinou todo os modos de pescar. Eu sou um pescador, mas eu também estudo. Ser pescador é ter um trabalho próprio”. E no dizer de L.P.L., “É trabalhar com a pescaria. Porque eu sobrevivo da minha profissão”.

Há de se considerar ainda de que não se pode falar em juventude e identidade no sentido de a mesma constituir-se tão somente da pesca, mas a partir de um conjunto de elementos materiais a determinarem sua identidade, como o estudar – “mas eu também estudo” –, o viver o mundo do lazer, pois participam das festas organizadas pela Colônia Z-16, das missas: “Nós participamos pouco, só quando há alguma coisa, festa ou missa” (E.R., 26).

Não se pode deixar de considerar, contudo, que essa identidade múltipla da juventude sob análise também decorra da própria materialidade excludente do modo de produção capitalista, no sentido de lhes impor a necessidade de transcender o mundo da pesca para o mundo do estudo<sup>16</sup>, da busca do ensino médio, das aulas de informática a fim de conseguir a empregabilidade e aumento da renda, principalmente quando se considera o Índice de Desenvolvimento Humano de Cametá. Com efeito, o município de Cametá está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,5 e 0,599), pois em 2010 o IDH municipal foi de 0,577 (Perfil do Município de Cametá, PA|Atlas do Desenvolvimento Humano. In: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/Cameta\\_pa](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/Cameta_pa), acessado em 30/07/2013, às 8h48min).

No demais, não se pode deixar de considerar que o município de Cametá vem apresentando um aumento na desigualdade social, quanto à distribuição de renda. Com efeito, “o Índice de Gini”, que “aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos”, “passou de 0,50 em 1991 para 0,60 em 2000 e para 0,58 em 2010” (Perfil do Município de Cametá, PA|Atlas do Desenvolvimento Humano. In:

<sup>16</sup> A questão de o estudo estar a serviço dos imperativos do capital decorre de essa escolarização implicar a negação da existência material do ser social pescador. Ou seja, não se está diante de uma escolarização que se articule com o fortalecimento da identidade do pescador, no sentido de lhes fortalecer a unidade de classe. Não se pode deixar de considerar, contudo, que haja contradições nessa escolarização, não raro nela interferindo a organização de classe para fazer valer os interesses da classe trabalhadora.

[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/Cameta\\_pa](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/Cameta_pa), acessado em 30/07/2013, às 8h48min), com uma pequeníssima queda de 0,02 entre 2000 e 2010. Ou seja, de uma maneira geral o município apresenta uma população que vive a pobreza, conduzindo-a a buscar outras formas de aumento de renda, percebendo na educação a possibilidade de ascender a rentabilidade.

Não deixa o capital de continuar alimentando a tese de que educação é igual a desenvolvimento econômico, explicado com a teoria do capital humano, tão bem criticada por Frigotto (2006) em *A Produtividade da Escola Improdutiva*. Não se está a negar, contudo, que os pescadores não busquem o estudo como uma necessidade para a constituição da identidade da classe trabalhadora, mas que a pobreza a que se encontram imersos, também decorrente dos impactos negativos da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, conduz à massificação de que a educação por si só vá possibilitar a melhoria da qualidade de vida, mantendo-se as estruturas de exploração, não havendo transformação radical da sociedade, nos moldes propostos por Mézaros (2002), no sentido de se materializar outro modo de produção que promova o

[...] desenvolvimento das potencialidades produtivas humanas, em resposta a uma necessidade genuína; oposta à prática estabelecida da reprodução social, subordinada aos imperativos alienados da produção-do-capital sempre-em-expansão, sem consideração das suas implicações para as necessidades humanas. (MESZAROS, 2002, p. 605)

Por fim, há de se considerar que essa lógica de se colocar na educação o papel autossuficiente de mudar a realidade total de vida de homens e mulheres decorre, segundo Oliveira (2000), da emergência da teoria do capital humano no contexto do nacional-desenvolvimentismo brasileiro – início dos anos 40 do século passado –, primando, segundo Rodrigues (2008, p. 15),

[...] por uma planificação econômica sob a tutela do Estado como agente propulsor de desenvolvimento. Acreditava-se, assim, que as taxas de crescimento econômico ocorreriam paralelamente ao aumento dos níveis de educação, sendo necessário, portanto, uma planificação no setor educacional aos moldes econômicos, de modo que, por meio da educação, também fosse reduzida a pobreza. Na verdade, a teoria do capital humano adequava-se perfeitamente aos ideais do capitalismo, no sentido de [...] “contabilizar todos os espaços da vida dos trabalhadores, incluindo seus ócios, como atividades produtivas e passíveis de obtenção de lucratividade” (OLIVEIRA, 2000, p. 194).

Isto posto, não se pode deixar de considerar que essa teoria, não raro, vem sendo utilizada, de acordo com Rodrigues (2008, p. 15),

[...] para se fortalecer cada vez mais a tese de que a não obtenção de emprego e sucesso ou não no mercado de trabalho decorrem da pouca ou da falta de escolaridade, colocando-se nas costas do trabalhador a culpa pela não empregabilidade, quando de fato se sabe que o problema de desemprego é de ordem estrutural (Frigotto, 2006). Por meio da Teoria do Capital Humano, acaba-se contribuindo para com o processo de exploração a que o trabalhador vem sendo submetido, bem como para que se tenha uma justificativa para a não entrada de muitos trabalhadores no mercado de trabalho ou para o aumento do mercado de trabalho informal, como decorrente de falta de escolarização ampla.

Em termos de pescadores artesanais, contudo, a juventude por nós analisada não se constitui, em termos de identidade, somente pela relação com o mundo do trabalho da pesca, mas também por meio de outras relações em que esse mundo se torna ausente, não raro, bem como com o oriundo do mundo escolar e das relações com o mundo citadino de Cameté e dos valores que permeiam a sociedade do consumo.

Trata-se, então, de uma juventude pescadora com múltiplas determinações, para além do mundo da pesca, mas também por ele sendo determinada, quer pelas condições precárias a que está submetida, a partir da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, que ocasionou a diminuição do pescado e, conseqüentemente, uma precarização no modo de vida dessa população ribeirinha, como pelas novas condições que busca alcançar, a fim continuar vivendo ou não no meio da pesca ou pela pesca, quer como fonte principal de manutenção da existência ou como forma secundária, haja vista que há jovens que, embora pescando com os pais, já desenvolvem outras atividades profissionais, como as ligadas à educação (professores, servidores municipais, etc.).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A juventude pescadora por nós estudada resulta de múltiplas determinações: tanto do mundo da pesca, por ele sendo determinada, como pelas condições precárias a que está submetida, a partir da construção da Hidrelétrica de Tucuruí, que ocasionou a diminuição do pescado e, conseqüentemente, uma precarização no modo de vida dessa população ribeirinha, como pelas novas condições que busca alcançar, a fim continuar vivendo ou não no meio da pesca ou pela pesca, quer como fonte principal de manutenção da existência ou como forma secundária, haja vista que há jovens que, embora pescando com os pais, já desenvolvem outras atividades profissionais, como as ligadas à educação (professores, servidores municipais, etc.).

Em termos formativos, entendemos que educação para os jovens tem caráter transformador na realidade destes sujeitos, à medida que os pescadores, em seus processos de formação, vêm produzindo saberes sobre a importância da escolarização em articulação com suas atividades laborativas, como forma de se manter uma identidade de classe, mediada pelo trabalho, necessária para a luta por garantia de direitos. Trata-se, em moldes marxianos, de irremediavelmente constituindo, por meio da educação, uma *consciência de classe para si* (LUKÁCS, 2003), à medida que percebem, no acesso aos saberes acumulados historicamente pelo homem e mediados pela escola, uma possibilidade de *empoderamento* necessário para os embates políticos em defesa de seus interesses de classe.

Amparados em Rodrigues (2012), postulamos que, quando os pescadores enunciam que a juventude está saindo em busca de outra profissão, por já não ser possível sobreviver da pesca, não se deixa de expor uma compreensão de qualificação enquanto elemento que possibilita a empregabilidade, a melhoria da qualidade de vida, não obstante no interior do capital viver-se hodiernamente uma crise estrutural de desemprego<sup>17</sup>.

Entretanto os jovens ribeirinhos vivem em processo de manifestação e emancipação de identidades, buscando saberes, formas outras culturais, com o desafio de se adequarem ou não a um plano educacional que lhes oportunize a inserção no mundo do trabalho, de modo que o esforço dos jovens ribeirinhos em buscar a compreensão da escolarização dentro de uma realidade complexa precisa ser considerado como a luta para que seus saberes aí sejam reconhecidos como elementos potencializadores de uma identidade também necessária para se opor à lógica homogeneizante do capital, sem se cair na tese da autossuficiência da experiência frente aos saberes propugnados pela escola, conforme exposto por Rummert (2011), quando de suas análises sobre a *Educação de jovens e adultos trabalhadores e a produção social da existência*, mas buscando uma relação dialética entre ambos.

---

<sup>17</sup> Forrester (1997) destaca, em *O Horror Econômico*, que vivemos uma crise estrutural de falta de emprego, dizendo-nos que “Um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas alguns setores; agora, ele está às voltas com uma implosão geral, com um fenômeno comparável a tempestades, ciclones e tornados, que não visam ninguém em particular, mas aos quais ninguém pode resistir. Ele é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, empregos. (FORRESTER, 1997, p. 11).

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- DAMASCENO, Maria Nobre. **O saber social e a construção da identidade**. *Contexto & Educação*, UNIJUÍ, ano 9, n. 38, p. 19-39, abr./jun. 1995.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FRIGOTTO, Guadêncio. **Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas**. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2006.
- FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- IBGE. **Contagem da População 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/>>. Acesso em: 15 dez. 2012.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- MESZAROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial; Editora da UNICAMP, 2002.
- MICHELAT, Guy. **Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia**. In: THIOLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1985.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Educação básica: gestão do trabalho e da pobreza**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 188 a 243)
- RODRIGUES, Doriedson S. **Saberes sociais e luta de classe: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16 - Cameté-Pa**. Belém: UFPA/PPGED, 2012. (Tese de Doutorado).
- REVISTA CAAMUTÁ. Cameté, PA, Prefeitura de Cameté, Governo Popular, ano 1, n. 1, 2001.



RUMMERT, Sonia Maria. **Educação de jovens e adultos trabalhadores e a produção social da existência.** In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (Orgs.). *Trabalho e educação de jovens e adultos.* Brasília: Liber Livro e Editora UFF, 2011.

SOUSA, Raimundo Valdomiro. **Campesinato na Amazônia: da subordinação à luta pelo poder.** Belém: NAEA, 2002.

THOMPSON, E. P.. **A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. 3.